

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Autoras: Ana Carolina Soares Duarte
Beatriz Bertoldi
Cibele Scandelari

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Resumo: A sociedade encontra-se na era da informação, na qual se depara com os mais variados meios de comunicação, que de maneira massificante e crucial transformam a vida social e psicológica dos indivíduos. Por este motivo, cabe à escola tornar acessível a um contingente cada vez mais amplo da população, um conjunto de saberes e habilidades que estão sendo elaborados nos dias de hoje, mediante novas pedagogias que incluam os meios de comunicação na aprendizagem, a fim de integrar as estratégias cognitivas e emocionais de crianças e jovens gerados numa era digital e conectar os professores ao mundo dos alunos. É indiscutível que a função de instruir as crianças cabe, ainda, fundamentalmente aos pais, que devem estar atentos a interação dos seus filhos com os meios midiáticos, não esquecendo jamais da relação afetiva em função da aparição desses novos recursos.

Palavras chaves: 1) educação ; 2) comunicação; 3) aprendizagem

As questões referentes à educação relacionadas à comunicação não são novas. Isso acontece porque seus conceitos possuem ligações muito importantes. A saber: a educação é vista, entre outros conceitos, como processo de interação entre educando-educador, onde conserva-se e transmite-se cultura (MIRADOR, 1990). Já a comunicação é entendida também como um processo de troca de mensagens entre duas ou mais pessoas ou entre dois ou mais sistemas. O processo comunicativo exige um conhecimento prévio de um código cultural (MIRADOR, 1990).

A partir desses conceitos, abre-se um caminho que se torna possível o estudo da influência que a comunicação exerce em todo o processo educativo. Esse estudo torna-se ainda mais importante, quando este é colocado sob o prisma do momento em que se vive. “No presente, o mundo vive uma nova revolução – a técnico-industrial – advinda das novas tecnologias da informação. É uma revolução silenciosa que se caracteriza pelo desenvolvimento das telecomunicações” (PACHECO, 1998). A educação não pode e, na verdade não fica alheia a todas essas transformações do mundo da informação pois sua própria estrutura tem como uma das bases a comunicação. Devido a essas e muitas outras reflexões, “vêm-se discutindo a necessidade de o professor, por meio da comunicação social e recursos midiáticos das novas linguagens e da mídia eletrônica, trabalhar as disciplinas curriculares com base em eixos temático globalizados que fazem parte do cotidiano de uma sociedade plural” (PACHECO, 1998).

Porém, para que essas discussões tenham base, torna-se importante o conhecimento de um pouco da evolução histórica do processo de comunicação, envolvendo, é claro, suas tecnologias. Essa prévia e básica interação apresenta-se como um fator muito importante, pois o conhecimento da história pode vir a esclarecer acontecimentos presentes.

A primeira parte dos estudos relacionados à história da comunicação, diz respeito às suas características orais, já que em tempos remotos os meios de registro não existiam. Mesmo depois que estes surgiram, como por exemplo nas sociedades clássicas, a importância da retórica, que centrava seu objetivo no ensino das modalidades de persuasão sua importância, é bastante assinalada.

Com o surgimento do alfabeto tipográfico, a comunicação imediata e direta (a voz, o transmissor natural) passa para a comunicação indireta, isto é, através de canais industrializados, como por exemplo o livro. Esse novo tipo de comunicação encontrou um novo impulso no século XV com a descoberta da imprensa, numa época de rápida transformação cultural, mantinha-se limitada à burguesia devido às condições econômicas (os livros possuíam um preço altíssimo), e às condições culturais. Esse quadro, aos poucos foi mudando com o aparecimento de novas classes, novos interesses políticos e comerciais, e a uma fase de inventos que melhoraram a técnica da impressão. (MIRADOR, 1990)

Com o passar dos tempos novas formas de comunicação foram surgindo através de inúmeras pesquisas. Pode-se citar o telégrafo eletromagnético como um exemplo, este ligava os continentes por cabos transoceânicos. Depois veio a radiofusão, novo campo da aplicação da radioeletricidade. A radiocomunicação foi se desenvolvendo aos poucos, com a contribuição de muitos cientistas. E assim, no início do século XX, embora com qualidade precária a voz humana e música puderam ser transmitidas. Quando os aparelhos puderam ser aperfeiçoados e as transmissões serem feitas por países inteiros, o rádio tornou-se o mais importante meio de comunicação do início do século. A programação começou a se diversificar e melhorar sua qualidade com programas jornalísticos, de auditório, humorísticos. Obras dramáticas tinham seu espaço no rádio através das radionovelas. O poder de comunicação e manipulação do rádio através desses programas era surpreendente. Um bom exemplo do poder de

sugestão que o rádio exercia sobre as pessoas, aconteceu em 1938 nos EUA, no programa de Orson Welles, que dramatizava, como se tratasse de uma reportagem radiofônica verdadeira, a descida dos marcianos na Terra, segundo um livro de ficção científica. Tal ‘reportagem’ resultou em pânico generalizado pois as pessoas realmente acreditaram nela. (MIRADOR, 1990)

Exatamente como o rádio, a televisão, outro importantíssimo meio de comunicação, teve na sua invenção e evolução, a contribuição de inúmeros cientistas. Depois de um período de muita descrença quanto à concepção do que seria a televisão, e também do período da guerra, que fez com que sua evolução sofresse um retardamento, a TV conseguiu atingir inacreditáveis níveis de desenvolvimento principalmente após a guerra. Nesse período começou uma verdadeira batalha entre os meios de comunicação. O impacto que o rádio possuía na população não desaparece, porém este ganha na TV um rival de peso. No plano da informação e da publicidade a televisão inova e torna-se objeto de desejo de milhares de pessoas, que sentiam-se seduzidas pelo maravilhoso aparelho.

Foi um tempo em que o consumo de produtos de toda a espécie começou a ser fortemente influenciado, se não determinado, pelos meios de comunicação. A manipulação de massa ia ganhando suas formas sem que as pessoas, de uma forma geral, se dessem conta de seu grande poder.

Hoje, novamente a sociedade se depara com mais uma revolução da comunicação: a Internet. Esta, que teve sua origem nas terríveis situações da guerra, tem entrado nos lares e nas empresas de uma forma quase que imbatível. Suas diversas características, têm mudado rotinas de milhares de pessoas em todo o mundo e cada vez mais sua presença vem se tornando algo próximo do indispensável. Essa realidade diz respeito tanto a estudantes que vêem nela ótima fonte de pesquisa, como para empresários buscando fontes alternativas de otimizar as atividades de suas empresas, ou até mesmo para aqueles que apenas buscam curiosidades, passatempos e diversão. Assim, como em outras épocas em que o rádio ou a TV mudaram muitos hábitos, a Internet tem sido preocupação para muitos estudiosos, pais e outros que tem detectado uma brusca mudança de comportamento entre uma grande parte de seus usuários. Uma dessas preocupações diz respeito ao isolamento social.

A partir desse rápido retrospecto histórico acerca dos meios de comunicação, pode-se perceber que todos obtiveram grandes impactos nas sociedades da época e ainda hoje. Com relação a isso não se pode deixar de mencionar o impacto que causaram e que inevitavelmente norteiam o desenvolvimento social. Um bom exemplo disso é a “competição entre a televisão e a leitura infantil” (PACHECO, 1998).

Sob uma perspectiva histórica os meios de comunicação sempre representaram uma ‘ameaça’ potencial à sociedade. Qualquer coisa nova que capte a imaginação de crianças e adolescentes e os levem à desobedecerem aos mais velhos certamente é limitadora (STRASBURGER, 1999). Quando se começa a voltar a atenção sobre esses importantes aspectos muitas questões podem surgir. Os meios de comunicação são potencialmente perigosos para os adolescentes ou simplesmente oferecem diversão e entretenimento durante um período de imenso desenvolvimento, crescimento e estresse? Será que aqueles que criticam os meios de comunicação simplesmente são caretões, que não gosta de ver o sistema ridicularizado, ou são estudiosos sérios que observam as pesquisas das ciências sociais e vêem razão para o alarme? E o que quer dizer das redes de TV de Nova Iorque e da indústria de entretenimento de Hollywood? Será que elas simplesmente se utilizam das preferências populares - satisfazendo a demanda por filmes e programas de TV com mais sexo e mais violência ou será que realmente *criam* a demanda e ignoram as conseqüências que seus produtos estão tendo? (STRASBURGER, 1999).

Tais questionamentos tomam importância maior se andarem paralelamente aos processos relativos à educação. Tudo isso torna-se ainda mais claro quando percebe-se que o alvo da educação, ou seja, a população infantil e jovem “passam mais tempo assistindo à televisão do que fazendo qualquer outra atividade de lazer, a não ser dormir, e passam mais tempo assistindo à TV ao completarem o segundo grau (15.000 – 18.000 horas) do que na sala de aula (12.000 horas)”. São quase 10 anos assistindo televisão! E a escola, certamente sofre os efeitos dessa realidade.

Se o tempo de permanência nas escolas – em horas e em anos - é muito limitado, para a maioria das pessoas, e se as escolas se nível primário, elementar e médio não ensinam os jovens a discriminar padrões de excelência e bom gosto nem os ensinam a melhorar a qualidade de suas vidas diárias, dificilmente os meios de comunicação de massa desse povo poderão oferecer algo melhor do que trivialidades, sordidez, violência e mau gosto. Porém, grande parte dos problemas de qualidade e gosto decorre não dos meios de comunicação de massa, mas da precariedade da educação proporcionada às crianças e jovens (NETTO, 1972).

Numa retrospectiva bastante breve sobre a interferência e influência da televisão nos aspectos sociais, pode-se observar que nos anos 60 e 70 garotos e garotas “foram educados lendo, conversando, discutindo assuntos. A partir dos anos 80, a molecada passou a ser criada vendo televisão, ou porque os pais trabalhavam e a melhor babá era a telinha, ou porque os pirralhos preferiam ver TV a ler uma revistinha ou um livrinho” (GUTEMBERG, 2000)

A televisão enquanto meio tecnológico, pode encerrar outras possibilidades que não exijam necessariamente que ela seja posta em contradição com a herança cultural literária. Na atualidade, no entanto, ela se torna um fator especialmente ameaçador de empobrecimento cultural, cujo suposto trabalho de popularização da cultura – no caso das crianças de aproximação da cultura à sua mentalidade – é de fato, um trabalho de uniformização e da mistificação de valores.

Pode –se dizer que a escola como um fator de socialização conseguiu converter a televisão como sua principal adversária, à margem do padrão familiar.

O que faz com que essa alternativa se torne verdadeira é o fato de uma criança que ao comparecer pela primeira vez a um centro escolar já leva consigo uma bagagem prévia de horas de TV, e ao chegarem à Universidade terão assistido muito mais horas de TV do que de escola.

Com esses dados hoje não se questiona tanto a idoneidade ou qualidade cultural dos programas televisores, mas as atuais relações que se estabelecem entre o meio de espectadores, e a converção da televisão em “ditadora” dos horários familiares (A TELEVISÃO e a escola). Mesmo assim, estudos sociológicos comprovam que o meio familiar continua sendo o fator determinante no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. E isso vem fortalecer a necessidade que a criança apresenta de ter uma experiência direta, uma confrontação do seu próprio eu com a realidade que corresponda a ela e a qual ela, criança, possa corresponder.

Na atualidade, infelizmente, os programas televisivos não fazem isto. Eles apenas permitem à criança o papel de receptora passiva de mensagens, com um detalhe: sem aceitação de respostas. Assim, as recordações e vivências infantis da chamada geração da televisão, não estarão constituídas de experiências pessoais, mas de experiências extraídas do televisor.

As conseqüências que esta interferência entre os campos da realidade e imagem acarretam nos indivíduos podem ser variados, mas há casos em que há o engalfinhamento dos dois campos, inclusive, em espectadores adultos, que de certa forma apresentam mais condições de discernimento dos programas que desejam assistir do que as crianças.

É claro que não se pode generalizar esse fato de não distinção entre o que é realidade e o que é imagem simbólica, mas o que se observa, constantemente, é que crianças que apresentam um acompanhamento, um aconselhamento por parte dos pais e professores, em relação ao que é visto na TV, apresentam-se como crianças normais, por saberem distinguir perfeitamente o que é realidade e o que é fantasia.

Talvez esse acompanhamento deva ser feito sempre pelo fato dos programas educativos voltados para o público infantil não apresentem na sua íntegra um caráter psicológico, não estando adaptados pedagogicamente à mentalidade infantil.

Portanto, se há num programa educativo um bombardeio de imagens para que dali a criança saia aprendendo algo, essa mensagem eletrônica deve ser reforçada por uma estimulação direta à margem da contemplação passiva das imagens, para que então a criança consiga de fato assimilar e compreender a mensagem. (A TELEVISÃO e a escola).

E isto significa que o mundo de hoje, dominado pelas mensagens verbo- icônicas, necessita de uma nova escola.

Assim a transmissão aos conteúdos educativos pela televisão passa a desempenhar papel decisivo no empacotamento de elementos lúdicos e de entretenimento dado o caráter em princípio voluntário da recepção de suas mensagens por parte da criança.

Indubitavelmente sendo um elemento influenciador na vida da criança deve-se ressaltar que o meio televisivo não pode se tornar um competidor da escola, por excelência, mas sim num complemento imprescindível na estratégia educativa de uma sociedade neocapitalista, baseado no consumo indiscriminado.

Não se pode ainda acreditar que o uso dos meios tecnológicos não vem aumentar a comunicação entre os homens, mas sim, converteu-os em receptores passivos de mensagens alienando a personalidade individual.

Pode-se e deve-se acreditar que eles têm algo de útil a ser empregado não só na prática educativa escolar, mas na própria educação familiar.

Mas não é apenas a televisão que se torna um competidor da atenção das crianças em relação à escola. Não é apenas a televisão que se encontra no papel de escola paralela. A sociedade se depara com a explosão da Internet, que ao mesmo tempo em que se apresenta como um benefício a seus usuários, pode se apresentar como um instrumento alienante.

Mesmo sendo uma tecnologia de comunicação bastante eficaz, por possibilitar contatos com o mundo inteiro, a Internet inibe a pesquisa e a experiência direta, justamente por apresentar um caráter puramente virtual.

Mais uma vez as novas tecnologias de comunicação e informação invadem o âmbito escolar a fim de promover uma evolução no processo pedagógico. A escola encontrando-se em interação constante com o meio social geral e atuando sobre o meio envolvente ou dele recebendo estímulos, deve ela, a escola, manter uma ligação harmoniosa com a sociedade com que se relaciona, procurando adotar modos de ensinar e aprender mais adequados à realidade social. Ora, a tendência atual das sociedades aponta para a diversificação crescente dos papéis sociais, uma cada vez maior acessibilidade, direta e imediata, à informação, uma maior mobilidade e instabilidade. A escola como sub-sistema interdependente da sociedade não pode deixar de ser atingida por estas transformações e continuar a ser o utensílio artesanal que era, uma vez que deixou de responder às necessidades sociais, pedagógicas e psicológicas expressas pela nova sociedade escolar (INTERNET; www.educática.com.br).

Portanto, pesquisar informação da Internet, identifica-la, proceder à sua triagem, avaliação e síntese, proceder à sua reorganização, apresentar e comunicar essa informação, sob a forma de novos suportes, constituem procedimentos que caracterizam uma nova pedagogia que a mediateca facilita e favorece, designadamente:

- permitindo o acesso livre, e permanente a um conjunto documental que é necessário aprender a interrogar;
- introduzindo na escola, pela diversidade de suportes, a pluralidade das linguagens;
- relativizando o papel do professor que passa a ser um recurso, que terá o auxílio de outros recursos, como por exemplo, os meios audiovisuais;
- favorecendo o trabalho pessoal e em pequeno grupo; contribuindo para descompartmentar o saber, tradicionalmente repartido pelos vários campos disciplinares;
- contribuindo para quebrar o isolamento da instituição escolar relativamente à comunidade local;
- contribuindo para diversificar os ‘papéis’ a desempenhar pelos professores, no quadro de coletivos professores que trabalham em equipe, com outros educadores. (INTERNET, www.educatica.com.br)

Assim, a utilização da Word Wide Web (www) na escola, que suporta a transferência de informação multimédia e permite navegar na rede através de ligações de hipertexto, tem como objetivo geral:

- contribuir para a aquisição e transmissão de saberes (acesso a conteúdos);
 - suprir necessidades de informação dos utilizadores, independente do assunto em que estão interessados e do tipo e localização da informação de que necessitam;
 - difundir o conhecimento das novas tecnologias e promover o seu uso alargado;
 - facilitar a ligação, de um modo rápido e eficaz, entre escolas de vários níveis de ensino, bibliotecas, arquivos, centros de documentação, museus e outras entidades com a intervenção na área cultural, científica e educativa;
 - o estabelecimento de uma rede articulada permite um funcionamento cooperativo que possibilita racionalizar custos, fomentar o alargamento e o intercâmbio de recursos, participar numa equipe com habilidades diversificadas e manter uma rede de contatos, por exemplo, com outros organismos da mesma área;
 - estimular a produção e difusão de novos conteúdos educacionais multimédia de suporte às atividades docentes e discentes e aos processos de ensino-aprendizagem;
 - fomentar a aquisição e troca de conhecimentos e a construção de projetos comuns de telemática educativa, a nível nacional e internacional;
 - permitir uma mais forte interação da escola com seu meio envolvente;
- apoiar ações de ensino a distância e projetos de trabalho remoto. (INTERNET, www.educatica.com.br)

Até esse ponto pode-se considerar a Internet e a utilização do computador na escola um recurso totalmente benéfico. A partir do momento em que ela, a Internet, se converte em um recurso de ‘cola’, ou seja, de recolhimento de dados idênticos em pesquisas efetuadas pelos alunos, ela, então, se torna um instrumento potencialmente antipedagógico.

Atualmente, as novas tecnologias de comunicação e informação “moram nas casas” das pessoas como mais um membro da família: ocupam espaço, tempo, têm imagem e ‘voz’. Portanto, a TV, o computador e a Internet, transformam a sociedade e inserem as pessoas num mundo sem distâncias.

A utilização pedagógica dos meios de comunicação na escola (em todos os graus de ensino) como “instrumento a serviço do atendimento da finalidade mais abrangente que é a preparação para a cidadania” constitui um caminho possível. (LUCKESI, 1986)

Dessa forma, os meios de comunicação tornaram-se instrumentos ‘imprescindíveis’ à vida social, política, profissional, cultural e hoje, educacional. O caminho é mostrar a força da educação para o desenvolvimento do senso crítico que pode interromper um possível movimento ‘dominante’.

Assim sendo, com a invasão desses multimeios na sociedade atual e com a valorização crescente do uso dos mesmos, urge uma série de adaptações na educação familiar quanto na educação pública. Referindo-se à educação pública vale ressaltar que com esses recursos que vieram à tona se “criou um tipo diferente de estudantes para os professores, modificou o papel do professor e do administrador escolar e proporcionou aos educadores novos instrumentos que contribuem para a melhoria do ensino e o aumento da aprendizagem.” (NETTO, 1972)

Elas, as novas tecnologias, não só se destinam ao entretenimento e na divulgação de informações, mas colaboram na constituição de uma identidade cultural do povo, ou seja, são meios de transmissão cultural, além de terem o poder de construir uma opinião pública.

Mas o que pode ser observado é que para alguns esses meios de comunicação não são vistos como fontes e instrumentos de educação. Muito mais do que apenas simples diversão, esses meios apresentam uma finalidade e uma funcionalidade muito mais ampla, podendo tornar-se fonte de informação, educação e persuasão.

Procurando entender, portanto, a utilização desses recursos na prática pedagógica, já que exercem influência, muitas vezes total sobre os indivíduos, deve-se deixar claro que a prática educacional “deve ser muito mais dependente de métodos científicos desenvolvidos por cientistas do comportamento nas amplas áreas da psicologia, da antropologia, e sociologia e nas áreas mais especializadas da aprendizagem, processos de grupo, linguagem e lingüística, comunicação, administração, cibernética, percepção e psicométrica”, a fim de contribuir, em partes, para a criação de novas linguagens, enriquecendo a prática pedagógica. (NETTO, 1972)

Porém há casos que aparentemente mais fiéis à imagem da escola tradicional, os autores de compêndios se preocupam exclusivamente com a aprendizagem e o ensino por meio de preleções, leituras de livros escolares e experiências diretas dos alunos, ignorando tanto crescente invasão das escolas pelos chamados ‘recursos audiovisuais’ como a crescente exposição das crianças e jovens à escola paralela. (NETTO, 1972)

A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. As novas tecnologias de informação e da comunicação transformam espetacularmente não só a maneira de comunicar, mas de trabalhar, decidir, pensar, e ainda, introduz forçosamente um novo quadro para o sistema educacional (PERRENOUD, 2000) justamente por estarem representando uma escola paralela. Sendo assim, a escola precisa aliar-se a elas e propor uma nova estratégia educativa, travando com elas um jogo dialético. (PRETTO, 1996)

Com a utilização desses recursos audiovisuais os professores poderão converter o tradicional monólogo dos projetores em diálogos com os alunos. O que não se pode esquecer é que a criança, na verdade, não é cercada somente pela imagem, mas por um conjunto de estimulações auditivas, visuais, e segundo um vocábulo, doravante admitido, audiovisuais. O que sabemos atualmente sobre este complexo mostra, contudo, que o cinema a televisão são os principais alimento da escola paralela, muito mais competitiva e perigosa para a escola oficial porque se apresenta com todas as seduções do lazer e da fruição imediata. (NETTO, 1972)

Assim, os meios de comunicação e/ou recursos audiovisuais com seus supostos perigos e aspectos positivos, desempenham efetivamente o papel de uma escola paralela na formação da criança e, mesmo que as escolas procurem beneficiar-se desses multimeios para a consecução de seus objetivos, trazendo para a sala de aula o cinema, o rádio. A televisão, o jornal, a revista e até mesmo os quadrinhos, se faz mister lembrar que essas técnicas e recursos devem servir de auxílio na prática educacional, mas jamais tornar fonte principal e única de aprendizagem e substituta do professor. (NETTO, 1972)

Vale explicitar que as novas tecnologias podem “ser uma ferramenta, uma arma ou um instrumento, isto é: a potência da tecnologia pode ser vetorizada para a construção, para a destruição ou a percepção do mundo” (SANTOS, 1993). Tudo dependerá da maneira como os pais e professores dirigirem essa invasão de tecnologias, tomando precauções éticas necessárias para torna-las instrumentos a serviço de estratégias de formação dos filhos e dos próprios alunos.

Conclusão

Está evidente que as estruturas sociais tem-se modificado juntamente com as modificações tecnológicas. Dentro deste panorama, pode-se incluir o sistema escolar, que não fica alheio a essas transformações.

Por esse motivo, cabe à escola tornar acessível, a um contingente cada vez mais amplo da população, um conjunto de saberes e habilidades que estão sendo elaborados nos dias de hoje.

Partindo dessa análise, fica claro que a escola deve repensar o seu papel frente às novas possibilidades que, hoje, compõem o mundo do conhecimento e da cultura, promovendo novas pedagogias que incluam os meios de comunicação na aprendizagem, a fim de integrar as estratégias cognitivas e emocionais de crianças e jovens gerados numa era digital.

Assim, é necessário que as escolas estejam atentas a essa evolução, justamente por possuírem um papel social que tem tornado-se cada vez mais importante no que diz respeito à inserção da criança no mundo.

Portanto, através da utilização dos meios de comunicação torna-se possível, também, a habilitação dos professores como comunicadores, aonde estes lançarão mão de meios e linguagens que os conectem ao mundo de seus alunos.

Além disso, vale ressaltar que a relação afetiva entre os pais e os filhos não deve ser esquecida devido à aparição das novas tecnologias de informação e comunicação. Por isso urge que os pais estejam atentos em relação aos programas assistidos pelos filhos, justamente porque o papel de instruir as crianças cabe fundamentalmente a eles.

Referências Bibliográficas

A TELEVISÃO e a escola

COMUNICAÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Mirador. Rio de Janeiro/São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1990 v. 6 e 7.

COSTA, Rosa M. Cardoso Dalla; Eu vi um Brasil na TV: 2º Ciclo de Idéias; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná; s/d.

GUTEMBERG, Alex. Como a Xuxa acabou com uma geração; O Estado do Paraná; 2000.

INTERNET, www.educatica.com.br

LUCKESI, C.C.; Presença dos meios de comunicação na escola/ in: KUNSCH, M.; Comunicação e educação-caminhos cruzados; São Paulo; AEC do Brasil; Loyola; 1986.

NETTO, Samuel Pfromm; Comunicação de massa: natureza, modelos e imagens; São Paulo; Pioneira; da USP; 1972.

PACHECO, Elza Dias (org.); Televisão, criança, imaginário e educação; São Paulo; Papirus; 1998.

PERRENOUD, Philippe; Dez novas competências para ensinar; Porto Alegre; Artmed; 2000.

PRETTO, Nelson de Luca; Uma escola com/sem futuro; Campinas; Papirus; 1996.

SANTOS, L.G.; A televisão e a Guerra do Golfo. In: PARENTE, A (org.); Imagem e máquina: a era das tecnologias do virtual; Trad. R. Luz et al; Rio de Janeiro; Ed. 34.

STRASBURGER, Victor, C; Os adolescentes e a mídia: Impacto psicológico; Porto Alegre; Artes Médicas Sul; 1999.